

# Considerações psicanalíticas sobre a solidão: do desamparo ao significante

Psychoanalytic considerations about loneliness: from helplessness to signifier

---

Isabel Fortes<sup>1</sup>

Flávia Hasky<sup>2</sup>

**Resumo:** Tendo em vista o fato de que nos últimos anos o tema da solidão passou a se destacar como um dos grandes fenômenos da nossa cultura, figurando como uma forma de sofrimento psíquico característica do nosso tempo, este artigo dedica-se ao estudo de alguns pressupostos psicanalíticos construídos por Freud e por Lacan, e seus desdobramentos em autores contemporâneos, que a nosso ver podem ser articulados com a temática da solidão, visando a oferecer um embasamento teórico profícuo para refletirmos sobre a atualidade desse fenômeno. Retornar aos ensinamentos desses dois autores tem como objetivo nos servirmos de suas conceituações a respeito dos homens e de suas formas de lidar consigo mesmos para pensar sobre esse contexto em que a solidão ganhou o estatuto de epidemia.

Palavras-chave: psicanálise, contemporaneidade, solidão, desamparo.

**Abstract:** In view of the fact that in recent years the theme of loneliness has come to stand out as one of the great phenomena of our culture, acting as a form of psychological suffering characteristic of our times, this article is dedicated to the study of some psychoanalytical assumptions about loneliness built by Freud and Lacan, and their developments in contemporary authors, and intends to offer a useful theoretical basis to reflect on the actuality of this phenomenon. Going back to the teachings of these two authors will allow us to make use of their conceptualizations about men and their ways of dealing with themselves to think about this context in which loneliness has achieved an epidemic status.

Keywords: psychoanalysis, contemporaneity, loneliness, helplessness.

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. É professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio.

## Introdução

Nos últimos anos, o tema da solidão passou a se destacar como um dos grandes fenômenos que marcam nossa sociedade, gerando preocupação na população em geral e inquietando os profissionais de saúde mental, que passaram a lidar com mais frequência com queixas a esse respeito em serviços de atendimento e em seus consultórios. Psicólogos, psicanalistas e psiquiatras vêm debatendo esta que, para muitos, passou a ser vista como uma forma de sofrimento psíquico característica do nosso tempo.

A fim de ilustrar a atualidade e a importância que esse sentimento ou estado vem ganhando em todo o mundo recentemente, apresentamos dois dados: o primeiro é a criação do Ministério da Solidão, em 2018, pelo governo da primeira-ministra britânica Theresa May, destinado a combater um problema social que naquele ano alcançava o número alarmante de nove milhões de pessoas na Inglaterra (El País, 17/01/2018). Essa secretaria de Estado criada contra a assim chamada “epidemia de solidão” mostra que o fenômeno, ao menos nesse cenário, passou a ser tratado como um mal contemporâneo, tendo se tornado uma questão de saúde pública. O segundo é a matéria da revista brasileira *Superinteressante* intitulada “A explosão da solidão” (Garattoni & Lacerda, 2019), em que se discute a disseminação deste fenômeno justamente em uma época em que estamos tão conectados por meio da internet e seus dispositivos.

A decisão dos britânicos de dedicar uma secretaria própria no Governo focada em tratar da solidão dos habitantes calca-se em conclusões como estas: ficar só pode ser tão prejudicial à saúde quanto fumar 15 cigarros por dia. Segundo a deputada trabalhista Reeves, presidente da comissão, nas últimas décadas a solidão passou de desgraça pessoal à epidemia social, visto que cada vez mais pessoas vivem sozinhas e, às vezes, parece que nosso melhor amigo é o celular. A reportagem citada veicula informações análogas, acrescentando outros aspectos característicos da sociedade contemporânea que contribuem tanto para o aumento do número de sujeitos solitários quanto para a vivência desse estado como algo que gera algum nível de sofrimento. Para tanto, são elencados como questões bem atuais os fatos de o trabalho ter se tornado cada vez mais virtual, anônimo e isolado; de vivermos em um mundo baseado no individualismo e no consumo; e de nunca ter havido tantas pessoas vivendo sozinhas (Garattoni & Lacerda, 2019).

Nessa linha de raciocínio, inúmeros intelectuais vêm se perguntando sobre a solidão na era da internet e da hiperconexão, impactados pelo seguinte paradoxo: “em uma época na qual estamos submetidos à comunicação digital perpétua observamos uma crescente solidão

existencial” (Bauman & Dossal, 2017, p. 3). Diante do cenário que até aqui nos ocupamos em descrever, perguntamo-nos que contribuições a psicanálise pode trazer para as reflexões acerca dessa questão tão viva e relevante? Como o recurso a noções-chave do saber psicanalítico pode contribuir para compreendermos e lidarmos com os sujeitos solitários do mundo atual? Tais são as questões que norteiam este trabalho.

Assim, este artigo dedica-se ao estudo de alguns pressupostos psicanalíticos construídos por Freud e por Lacan acerca da solidão, com vistas a oferecer um embasamento teórico profícuo para refletirmos sobre essa temática. O retorno aos ensinamentos desses dois autores tem como objetivo nos servirmos de suas conceituações a respeito dos homens e de suas formas de lidar consigo mesmos para pensar sobre esse contexto em que a solidão ganhou o estatuto de epidemia.

Um estudo psicanalítico sobre a solidão pode, a nosso ver, proporcionar novas chaves de leitura e de manejo frente às novidades relativas a esse fenômeno, surgidas nas últimas décadas. Tal afirmação está em consonância com uma das funções da psicanálise, aquela que se propõe pensarmos a sociedade e os fenômenos de uma época, tomando clínica, cultura e política como indissociáveis e não recuando, portanto, de apostar nas ferramentas freudianas e lacanianas para intervir psicanaliticamente em nosso mundo.

### **A solidão estrutural**

Primeiramente, é preciso esclarecer que partimos do princípio de que a solidão é uma experiência multifacetada, repleta de nuances, sensações paradoxais e ambiguidades. Além disso, é um termo de difícil definição, pois pode ser usado tanto com o sentido de “estar sozinho”, sendo quase um sinônimo de isolamento, quanto referido a uma dimensão mais existencial, estado inalterado mesmo junto à companhia de alguém. Da literatura produzida a seu respeito, é possível encontrar referências à “boa” ou à “má” solidão, e com os poetas aprendemos sobre a possibilidade de se viver uma “solidão a dois”. Vale ainda notar que há uma diferença entre a solidão enquanto estado ou sentimento pontual e transitório e a solidão enquanto uma das marcas da condição humana.

No campo da psicanálise freudo-lacanianiana, é preciso destacar de antemão que a solidão não figura propriamente como um conceito nas teorias de Freud e de Lacan, não tendo sido inserida como uma noção metapsicológica neste corpus teórico. Como lê-la a partir de Freud e Lacan, se a seu respeito não existem ensaios e conferências de Freud, nem tampouco escritos ou seminários de Lacan? De fato, a solidão não foi tomada como objeto de estudo e teorização

por esses autores como o foram outros fenômenos. Todavia, encontramos nas obras de Freud e de Lacan diversos aspectos vinculados a essa temática, o que nos conduz a afirmar que, em suas teorizações sobre a condição humana, desenvolvem reflexões-fundamentais para a compreensão da vastidão polissêmica da palavra solidão.

Assim, a tarefa que nos propomos no presente artigo será a de delinear e desenvolver algumas noções em Freud e Lacan que podem, a nosso ver, tornar-se chão teórico para problematizarmos a solidão nas obras dos referidos autores. Neste viés, concordamos com Audibert quando salienta que “apesar da solidão ser um tema mais diretamente ligado à literatura, à filosofia ou à sociologia do que à psicanálise, Freud realizou um esboço da solidão através de outros conceitos” (Audibert, 2008, p. 15).

Assim, com Freud, gostaríamos de inicialmente demonstrar como a questão da solidão está inextricavelmente associada à noção de desamparo e à importância crucial da presença do outro para a formação do eu. Com efeito, o desamparo constitui, para ele, um estado inextinguível, que diz respeito ao mal-estar incurável da experiência humana, isto é, à sua dimensão trágica:

Apesar de toda a empatia que nosso entorno possa manifestar, experimentamos sós o nascimento, a velhice, sentimentos bons ou ruins, emoções, dores do corpo quando este sofre, lutos, e a perspectiva, serena ou angustiante, da própria morte, certeza absoluta de nossa solidão, horizonte incontornável do destino humano. (Audibert, 2008, p. 13)

Nesse sentido, podemos afirmar a proximidade do desamparo com a solidão, ligando-se ambas inicialmente – no chamado desamparo motor – à prematuridade do homem, à sua dependência de um outro desde o momento em que nasce. Essa dependência vital, apontada por Freud em *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1895/1996a), segue conosco nos tempos subsequentes, impelindo-nos a estar com outros a nosso redor, outros em relação a quem temos a necessidade de sermos compreendidos, amados e protegidos.

Freud nos oferece assim, com esta preciosa noção, aquilo que diz dessa condição que muitas vezes constitui nosso maior horror – estarmos sós – mas que pode também ser nosso maior bem, o que aponta justamente para nossa singularidade – sabermos-nos sós. O desamparo pode apontar assim para nossa “fragilidade vital” (Fortes, 2012) – a de nos sabermos dependentes do outro – que pode ser abertura para uma solidão estrutural que nem sempre é da ordem do horror. Estamos diante de uma concepção da solidão enquanto originária, isto é, condição que estaria na origem – lógica e cronológica – da vida humana. Neste contexto, a

solidão desamparada do bebê desde o nascimento estará, em algum nível, sempre presente. É o que propõe Freud ao pensar o desamparo como estruturante da condição humana. A solidão de cada um corresponde, em Freud, a uma posição estrutural. Desse modo, para a psicanálise, a constituição do sujeito é perpassada pela solidão, sentimento que, para muitos autores, é correlato à angústia do nascimento (Carneiro, 2007).

Um outro viés psicanalítico que podemos aproximar do tema da solidão é o conceito de pulsão, a partir do fato de não haver um objeto com o qual a pulsão se encaixe. Sobre isso, Ferrari (2008) defende a ideia de que o desencaixe entre a pulsão e os objetos – o que é descrito por Freud como a variabilidade do objeto pulsional – remeterá o sujeito humano à sua dimensão solitária, a qual não tem como ser recoberta por nenhum objeto. Lacan aborda esta questão em *O seminário, livro 4*, a partir daquilo que delimitou como a teoria da falta de objeto, estabelecendo, para explorá-la, a tríade 'o objeto, a angústia, o furo' (Lacan, J. 1956-1957/1995, p. 06). A dimensão pulsional se liga, como dito, ao outro, ao laço social. A autora salienta que há na psicanálise uma concomitância entre solidão e laço social. A dimensão do laço na psicanálise inclui necessariamente o caráter solitário de cada um, pois buscamos o laço para apaziguar o fato de que nos deparamos com uma solidão inerente à constituição subjetiva própria a uma verdade que só diz respeito às pulsões do sujeito (Ferrari, 2008). Assim, podemos afirmar que a solidão é um dos solos que nutre nossos anseios por fazer vínculos.

Reforçando a ideia de que há uma interrelação necessária entre solidão e laço, Lyra salienta que, na abordagem da solidão a partir da psicanálise, não se trata tanto de mostrar a solidão que se opõe à socialização, mas de buscar aquela que, a cada encontro transferencial, seja “fundamento do laço”:

A solidão, nesse percurso, é o afeto que corresponde às mais fundamentais descobertas de uma análise: a de que não existe o Outro que inventamos para nos situar no mundo e a de que os encontros amorosos e sexuais não se dobram aos anseios de um par perfeito. (Lyra, 2019, p. 2)

Um terceiro recorte possível para alinharmos a solidão aos conceitos psicanalíticos será o da castração. A castração é um conceito fundamental para a organização psíquica e nela se assenta grande parte das articulações clínicas. Dunker assinala que ela é uma experiência simbólica por excelência, trazendo consigo não a separação para com os outros, mas a distância e o estranhamento com relação a si mesmo. Temos, aqui, um modo diferente de abordar a solidão: aquela de cada um consigo mesmo, aquela que remete à “experiência de desencontro com si mesmo” (Dunker, 2017, p. 20), pois pensá-la dessa forma ajuda a perceber que estar

acompanhado – seja de um marido, de uma namorada ou de um filho, seja em uma conversa com um contato do Facebook – não anula essa dimensão da existência humana. Referimo-nos aqui à dimensão de seres falantes, condenados pela linguagem a sermos radicalmente separados de nós mesmos.

Gostaríamos de acrescentar a este rol de noções a questão do inconsciente. Bauman e Dessel mostram que nosso desamparo radical se liga, também, à ignorância fundadora, a um não saber radical, isto é, ao inconsciente (Bauman & Dessel, 2017). O não saber radical sobre nós mesmos, efeito da presença do inconsciente, incide no desamparo e na solidão, uma vez que "a verdade descoberta por Freud" diz respeito à "excentricidade radical de si em si mesmo com que o homem é confrontado" (Lacan, J. 1957/1998, p. 528).

### **O desamparo segundo Freud**

Como dito, a leitura psicanalítica sobre a temática da solidão pode ser remetida à noção freudiana de desamparo, a qual teve sua primeira e paradigmática aparição em 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*. Esta será uma condição necessária, que acompanhará o homem ao longo de sua existência, e não por um tempo delimitado. Assim, o desamparo enquanto originário tende a se apresentar como “o horizonte último da existência e do próprio funcionamento psíquico” (Pereira, 1999, p. 144). Em Freud, o desamparo não se esgota no estado de insuficiência psicomotora do bebê (desamparo motor), nem se resume a uma condição meramente acidental (Pereira, 1999). Se, para o recém-nascido, ele representa sua incapacidade para a realização da ação específica que leva à experiência de satisfação (Freud, 1895/1996a), na vida adulta ele passará a representar o “substrato fundamental de falta de garantias sobre o qual a vida psíquica se desenrola” (Pereira, 1999, p. 125).

Pereira (1999) salienta que este “dado inelutável” (p. 228) mostra que o homem precisa “enfrentar seu desamparo mais radical, o do lugar vazio do fiador último da história simbólica pessoal e da humanidade” (p. 127).

Com efeito, vê-se que o desamparo nos remete à nossa experiência de falta de garantias e, em última instância, da experiência da finitude (Menezes, 2012), que é correlata à própria condição do sujeito como ser desamparado e dependente dos outros para sua proteção. Tal estado caracteriza o humano, portanto, numa fragilidade estrutural que remete sempre a que precise de ajuda, a qual pode estar ausente, isto é, não se tem a garantia de que teremos alguém para nos proteger. A solidão se coloca, aqui, quando este outro que supostamente nos protegeria não o faz, deixando-nos em estado de não abrigo, de desamparo, de solidão.

A passagem “da solidão ao outro”, “do desamparo à dependência”, é frisada levando em consideração as funções do desamparo e do outro na constituição subjetiva. Segundo Menezes, o enfrentamento da condição de ausência de ajuda pode ser nomeado de solidão, colocando o sujeito diante do fato de que não há proteção absoluta na vida. Não há um tal ser onipotente que lhe garanta estabilidade permanente (Menezes, 2012).

Assim, com Freud entendemos que o desamparo é original, fundante e estruturante do psiquismo. Podemos concluir então que, a partir da noção de desamparo desenvolvida na obra freudiana, a condição de existência do sujeito no mundo está apoiada numa condição necessária de desamparo do psiquismo.

Vejamos, agora, mais detalhadamente e com mais vagar, o desenvolvimento dessa noção na obra freudiana. No *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, partindo da descrição do estado de extrema dependência do bebê, Freud introduz a noção de desamparo articulada à condição indefesa do ser humano quando nasce, isto é, à necessidade humana de proteção, dada sua falta de autonomia.

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover [a] ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna (por exemplo, pelo grito da criança). Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial de todos os motivos morais*. (Freud, 1895/1996a, p. 370)

A impossibilidade de o recém-nascido realizar a ação específica capaz de minorar o desprazer mediante uma alteração na realidade externa revela seu estado de desamparo e de dependência do outro. Freud prossegue, nomeando o processo: “a totalidade do evento constitui então a *experiência de satisfação*, que tem as consequências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo” (Freud, 1895/1996a).

Em *A Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1996b), Freud volta a abordar esse momento inaugural:

As excitações produzidas pelas necessidades internas buscam descarga no movimento, que pode ser descrito como uma “modificação interna” ou uma “expressão emocional”. O bebê faminto grita ou dá pontapés, inerte. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força que produza um impacto momentâneo, mas uma força que está continuamente em ação. Só pode haver mudança quando, de uma maneira ou de outra (no caso do bebê, através do auxílio externo),

chega-se a uma “vivência de satisfação” que põe fim ao estímulo interno. (Freud, 1900/1996b, p. 594)

Mais uma vez nos deparamos com a descrição de um ser desarmado e indefeso, assim como com a necessidade de um socorro que venha de fora. Há ainda uma menção – indireta, que seja – ao conceito de pulsão enquanto força constante.

Anos depois, em *Inibição, sintoma e angústia* (1926/1996c), Freud voltará a frisar que

o fator biológico é o grande período de tempo durante o qual o jovem da espécie humana está em condições de desamparo e dependência. Sua existência intra-uterina parece ser curta em comparação com a da maior parte dos animais, sendo lançado ao mundo num estado menos acabado. (...) O fator biológico, então, (...) cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança pelo resto de sua vida. (Freud, 1926/1996c, p. 179)

Em *O futuro de uma ilusão* (1927/2014), Freud alarga os horizontes da noção de desamparo, referindo-se a algo que permeia a vida humana para além da dependência infantil. Diante, por exemplo, da insubmissão da natureza (com seus terremotos e tempestades) a qualquer controle humano e do “penoso enigma da morte”, reaparece nossa incompetência para lidar com eles. “Com essas forças a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel, implacável, sempre nos recordando nossa fraqueza e desvalia, que pensávamos haver superado mediante o trabalho da civilização” (Freud, 1927/2014, p. 247). Ao longo do texto, são muitas as referências à ideia de um desamparo constitutivo e insuperável: “para o indivíduo é difícil suportar a existência” (p. 247); “Pois tal situação não é nova, ela tem um modelo infantil; é, na realidade, apenas a continuação daquela anterior, pois o indivíduo já se encontrou assim desamparado: quando pequeno, perante o pai e a mãe...” (p. 249); “Mas permanece o desamparo do ser humano” (p. 249); “persiste a desagradável suspeita de que a perplexidade e o desamparo humanos não podem ser remediados” (p. 250); “necessidade de fazer suportável o desvalimento humano” (p. 251); “O indivíduo em crescimento percebe que está destinado a permanecer uma criança...”; “... necessidade de proteção contra os efeitos da impotência humana; a defesa contra o desamparo infantil empresta à reação ao desamparo que o adulto tem de reconhecer seus traços característicos” (p. 258).

Mograbi demarca que, no texto freudiano de 1927, o desamparo aparece ligado à dimensão da falta de garantias e aos limites da simbolização. “O desamparo infantil – nos termos de Freud a necessidade de ‘proteção através do amor’ – não é superado”; “o desamparo do sujeito advém principalmente do confronto com a crueza [da realidade]” (Mograbi, 2009,

p. 47). O autor aponta, assim, que a leitura freudiana assevera que o contato do homem com a realidade será, necessariamente, deparar-se com o próprio desamparo.

Outra característica marcante, a qual nos interessa sublinhar, é a do amor face ao desamparo. A necessidade de proteção por meio do amor novamente abordada aqui por Freud é entendida como algo que perdura por toda a vida. Como aponta Menezes (2012), “o desamparo infantil implica para o bebê, uma abertura ao mundo adulto, ao mundo do outro” (p. 38). Tal vivência deixará marcas, o que leva à afirmação que “o desamparo expressa a dimensão fundamental e insuperável sobre a qual repousa a vida humana” (p. 88). Em 19

Dessa maneira, torna-se fundamental atentarmos aqui para um aspecto complexo das considerações freudianas em relação ao amor. Ao mesmo tempo em que aponta o amor como aquilo por meio do que se busca a proteção, mostra, por outro lado, a face do outro como aquele que nos desaponta, nos assola e faz sofrer. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926/1996c) Freud liga o desamparo ao sentimento infantil de medo da perda do amor e da proteção dos pais, o que segue pela vida adulta como uma possível vivência associada à experiência do amor. O medo de perder a proteção dos pais fica como o protótipo do nosso desamparo estrutural. Novamente encontramos aqui a ideia de que o desamparo nos coloca à mercê do outro, de quem somos dependentes.

Neste viés, é importante salientar que o desamparo mais radical não é o desamparo biológico da vida inicial do bebê, mas que podemos observar que mesmo no início da obra freudiana já se confundem e se misturam desamparo motor e desamparo psíquico. Segundo Menezes,

a dimensão do desamparo enquanto uma situação objetiva do bebê é apenas uma das perspectivas teóricas da questão no discurso freudiano; não é a única, nem tampouco, sua principal tendência de elaboração. Ao longo de sua obra – e mais evidentemente nos textos freudianos de 1926, 1927 e 1930 – o desamparo se apresenta cada vez menos como originário e cada vez mais como horizonte da própria existência humana e do funcionamento do psiquismo. (Menezes, 2012)

A construção do psiquismo se dá, portanto, a partir de um fundo de desamparo, o qual, em última instância, diz respeito à nossa falta de garantias sobre o existir e sobre o futuro.

Em continuidade com o texto de 1927, *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2010) apresenta a ideia de um mal-estar ineliminável, “um mal-estar que nenhum cuidado materno pode compensar” (Espinel, 2011, p. 106). Esse aspecto pode ser observado na passagem a seguir: “o homem (...) surgiu primeiramente como um fraco animal e cada indivíduo de sua

espécie tem que novamente entrar como uma desamparada criança de peito” (Freud, 1930/2010, p. 51).

Além dessa referência explícita ao desamparo originário, interessa-nos para essa discussão a reflexão feita por Freud a respeito da miséria humana na sociedade, decorrente do “conflito irreconciliável” (Freud, 1930/2010, p. 50) entre as reivindicações pulsionais dos indivíduos e os anseios civilizatórios.

Assim, propomos que essa correlação entre o conflito irremediável e o desamparo é uma das formas de Freud abordar a finitude do sujeito. Nesse contexto, aponta-se ainda o uso particular que ele fez da expressão *mal-estar*, para se referir ao destino trágico do sujeito para a psicanálise. O mal-estar, para Freud, diz respeito ao fato de não haver cura possível para o desamparo humano, pois frente a ele, o sujeito precisa, constantemente, “reinventar novos destinos para seu desamparo e tornar sua existência possível” (Menezes, 2012, p. 91). Assim, podemos dizer que, em Freud, ser sujeito é ter que enfrentar permanentemente a inelutável solidão.

### **Lacan e a dimensão da linguagem**

Para seguirmos avançando naquilo que o saber psicanalítico pode contribuir para o campo das reflexões acerca do fenômeno da solidão em nossos dias, enfocaremos, agora, a perspectiva lacaniana e o que ela nos oferece de subsídios teóricos para uma reflexão sobre a solidão.

Buscaremos somar, às noções freudianas de “desamparo”, “mal-estar ineliminável” e “conflito irreconciliável”, as teorizações lacanianas que servem a uma reflexão a respeito da solidão estrutural, como, por exemplo, sua concepção do homem como alguém que, por não ser comandado por um saber instintivo, por nascer destinado à linguagem, por precisar recorrer às palavras para veicular o que deseja, vive o mal-entendido do significante. Bauman e Dossal (2017) indicam que contribuições lacanianas à visão freudiana acerca do homem e seu desamparo constituinte nos servem de introdução ao tema que queremos abordar, uma vez que Lacan afirma que a linguagem pode também ser vista como uma enfermidade incurável. Humanos enquanto “seres que padecem da linguagem” e cuja incompletude os leva à busca de êxitos, mas também, “em muitas ocasiões, à incontrolável necessidade de ressarcir-se como quer que seja do sentimento de haver sido despojado de algo que não encontra satisfação” (Bauman & Dossal, 2017, p. 111).

Segundo Quinet (2012), o grande Outro, simbólico, constituído pela linguagem, é aquele cujo discurso constitui o inconsciente. É o Outro da linguagem, de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. Representado como A (maiúsculo, primeira letra de “*autre*” – “outro”, em francês), é o lugar onde se coloca para o sujeito a questão de sua existência, de seu sexo e de sua história. “É um lugar simbólico, lugar dos significantes, onde as cadeias significantes do sujeito se articulam determinando o que o sujeito pensa, fala, sente e age.” (Quinet, 2012, p. 22).

Assim, mais uma vez, seguimos a proposta de correlacionar a solidão com noções psicanalíticas. A condição desamparada do sujeito articula-se, por certo viés, com a temática lacaniana do Outro da linguagem: “Se eu disse que o inconsciente é o discurso do Outro com maiúscula, foi para apontar o para-além em que se ata o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento. Em outras palavras, esse outro é o Outro invocado até mesmo por minha mentira como garante da verdade em que ela subsiste.” (Lacan, J. 1957/1998, p. 529).

O sujeito da linguagem se encontra alienado aos significantes do Outro que, enquanto um ser barrado e incompleto, não tem como oferecer garantias de completude, colocando-se diante da falta: “O sujeito como ser-de-linguagem, o qual é também ser-para-a-falta, pois se ele está na linguagem esta não o apreende: o sujeito é falta-a-ser porque falta um significante que o defina” (Quinet, 2012, p. 22).

Se o sujeito em sua vida procura um Outro em que se possa ancorar, que seja seu amor e sua segurança, só encontrará alguns substitutos que o levarão necessariamente para a remissão a um Outro incompleto e inconsistente.

A noção de *falta-a-ser* nos ajuda nessa compreensão. Como “falta fundamental, irremediável e intratável; ela é uma contingência da linguagem: uma vez que esta não tem a capacidade de dizer a última palavra sobre a verdade do ser” (Pereira, 1999, p. 229). Lacan percebeu o imenso alcance teórico da noção freudiana de desamparo e se esforçou em demonstrar seu interesse metapsicológico, ao mostrar “o desamparo como sendo o fundamento último da vida psíquica, à medida que esta é, segundo sua teoria, essencialmente um fato de linguagem” (Pereira, 1999, p. 227). Desse modo, solidão e desamparo, em Lacan, se encontram em sua teoria na centralidade que nela encontra a noção de falta fundamental, “cujo sentido subjetivo é o de uma perda ou de uma separação – à qual cuidado algum pode suprir” (Pereira, 1999, p. 228).

Trazendo tais considerações ao tema deste artigo, podemos afirmar tratar-se aqui da solidão do sujeito em relação ao Outro, solidão do inconsciente dos seres falantes e sexuados,

que precisam conceber-se apartados do Outro, solitários. A solidão é, nesse sentido, relativa à linguagem, já que há uma espécie de solidão inerente que não se comunica. Faltam palavras para expressar o que queremos dizer, para fazer com que o outro nos entenda, e isso nos joga de volta à solidão.

A partir da ênfase posta por Lacan na defasagem e disparidade constatadas entre o sujeito e o Outro, precisamos forjar modos de nos relacionar com a alteridade. Por sermos seres constituídos na e pela linguagem, experimentamos a toda hora o brusco intervalo entre quem fala e quem escuta, ou seja, estamos cotidianamente às voltas com o mal-entendido da linguagem. Segundo Costa-Moura, o Outro tomado como alteridade radical nos franqueia a condição de que “as palavras são sempre do Outro!” (Costa-Moura, 2006, p. 149). Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960), Lacan salienta que “... o ser estremece, pela vacilação que lhe retorna de seu próprio enunciado.” (Lacan, J. 1960/1998, p. 816).

Neste viés, a solidão é aquela em que apresenta o sujeito enquanto S;/, sujeito barrado pela linguagem, alienado dentro do Outro, alienado na/pela linguagem, castrado. Em outros termos, trata-se de um sujeito dividido, que padece do  $-\phi$ , do desencaixe, tendo apenas a bateria significante para dizer algo sobre ele, algo parcial, jamais tudo. Esta é a própria definição de sujeito dividido, às voltas com a *falta-a-ser*, “apaixonado pelo significante que sustenta sua existência ao mesmo tempo em que o barra, nadificando-o, alienando-o” (Leguil, 2014, p. 444). Nos termos de Ferrari, “uma solidão própria ao sujeito barrado” (Ferrari, 2008, p. 26).

Um outro viés que encontramos na literatura psicanalítica contemporânea para articular com a solidão é a temática da angústia. Sobre esta, Bassols (1994) afirma que a solidão pode vir como um afeto vinculado ao da angústia, já que a primeira experiência de solidão é também uma primeira experiência de angústia, por uma falta que, em primeiro lugar, se detecta como uma falta do Outro. Segundo ele, a solidão é o afeto inerente ao ser que fala, só podendo haver experiência da solidão em relação ao Outro da palavra e da linguagem, ao Outro simbólico da presença e da ausência. Há uma primeira solidão que é generalizável para todo sujeito da palavra. É a solidão do ser no mundo, que podemos definir como a solidão da falta-a-ser, escrita como S;/. A solidão estrutural não se opõe ao laço com o Outro, mas, ao contrário, o supõe. É uma solidão que supõe um laço com a pergunta pelo desejo do Outro, um Outro que poderia solucionar a falta-a-ser inerente ao sujeito. Toda vez que o Outro não oferece ao sujeito seu complemento de ser, ele responde com o sentimento de solidão, pois esse sujeito espera encontrar sua completude no Outro para esconder ou encobrir sua própria falta-a-ser. O autor

inclui ainda em sua análise aquilo que nomeia como uma “outra solidão mais decisiva: a solidão frente ao silêncio da pulsão”, “a solidão inerente ao gozo”, e afirma: “na satisfação da pulsão o sujeito sempre está sozinho”; “a solidão mais absoluta da pulsão de morte (...) que deixa esse homem sozinho frente ao seu ser mortal” (Bassols, 1994, p. 27).

A questão do desejo do Outro relacionada à solidão e ao desamparo vem, assim, como uma tríade cujo entrelaçamento se liga à concepção de desejo como relacionada ao Outro e à opacidade do desejo do Outro (Pereira, 1999; Bassols, 1994; Menezes, 2012). No *Seminário, livro 7*, Lacan vai mostrar que o desamparo de Freud é a posição de estar sem recurso diante do desejo do Outro:

o sem recurso diante de quê? O que não pode ser definível, centrável de nenhum outro modo senão diante do desejo do Outro. É essa relação do desejo do sujeito, na medida em que ele deve se situar diante do desejo do Outro que, entretanto, literalmente o aspira e o deixa sem recursos, é nesse drama da relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro que se constitui uma estrutura essencial. (Lacan, 1958-1959/1988, p. 452).

### **A solidão humana e seus paradoxos**

Segundo a abordagem psicanalítica dos fenômenos humanos, solidão e laço com o outro são temáticas em continuidade. A oposição entre ambos, comumente veiculada por outros discursos, não encontra, portanto, sustentação entre os pressupostos da psicanálise. A esse respeito, Audibert sublinha o fato de haver aí um paradoxo envolvendo a temática da solidão: “a solidão do humano não pode existir senão porque ele não esteve só” (Audibert, 2008, p. 14). Desenvolvendo esse ponto de vista, dirá que “um bebê sozinho não existe. A solidão de um bebê o faria inexistir” (Audibert, 2008). Com Lacan aprendemos o mesmo, em uma de suas belas formulações a respeito do jogo do *fort-da* explorado por Freud: “é já na sua solidão que o desejo do homenzinho se tornou o desejo de um outro, de um *alter* ego, que o domina e cujo objeto do desejo é, daí por diante, a sua própria pena” (Lacan, 1953-1954, p. 228).

Do campo das artes extraímos o mesmo ensinamento, de exemplos de definições poéticas e de versos de canções. No livro ilustrado *Mania de explicação* (2013), Adriana Falcão define a solidão como “uma ilha com saudade de barco”. Essa imagem tão simples, concreta e ao mesmo tempo bela e esclarecedora alude ao fato de que a solidão já traz, de forma implícita, a referência a outra coisa, sendo um sentimento que só pode ser experimentado porque já não se foi só. O “sentir-se só” possui internamente uma referência ao já ter estado acompanhado. A autora parece incluir, assim, a presença/ausência do outro em seu modo de tratar o tema, de

passar poeticamente pela questão, o que nos atraiu especialmente, pela proximidade com o enfoque psicanalítico que exploramos ao longo deste trabalho. Fica reforçada assim a ideia de que a abertura ao outro tem um caráter necessário e funda-se, em última instância, no desamparo inicial do ser humano (Pereira, 1999, p. 136). Assim, dá-se essa ponte necessária entre solidão e laço, conforme apontamos anteriormente neste artigo.

Na música popular, é bem ilustrativo o verso da canção *Tá combinado*, de Caetano Veloso (1986) – “Nos sabermos sós sem estarmos sós” – que nos fala dos paradoxos que permeiam as experiências de solidão e de ter companhia. A única forma possível de estarmos junto do outro, ou seja, de não estarmos totalmente sós, é sabendo-nos sós por estrutura. No amor, podemos fruir daquilo que o outro nos oferece, sentindo-nos mais acalentados, apesar de, em alguma medida, ainda solitários.

Podemos dizer, enfim, que é por um vazio na constituição do sujeito que fazemos laço com nossos semelhantes e nos dirigimos ao Outro. É a partir de um vazio estruturante que cada um poderá construir a sua singular caminhada. “O tema da solidão não deixa de evocar, pelo seu suposto contrário, a teoria ‘do parceiro’” (Cunha, 2016, p. 49). Naparstek destaca que, ao longo de seu ensino, Lacan introduziu diferentes tipos de solidão, dentre elas “uma solidão que faz laço”: “o ponto de partida é que não se pode pensar o sujeito sem o Outro. Quer dizer, se há sujeito, supomos o Outro e, portanto, seria extremo e contraditório falar da solidão do sujeito” (Naparstek, 2014, p. 378). Dessa maneira, podemos pensar que existe a solidão daqueles que possuem dificuldades no campo do laço, e há a “solidão que faz laço”, isto é, a compreensão de que nosso elo com o outro depende também da possibilidade de nos concebermos como sós.

## **Conclusão**

Concluindo, portanto, vimos que para a psicanálise a solidão é um dado de estrutura entre os humanos e, enquanto algo ineliminável, sempre existiu e seguirá existindo, independente das particularidades de cada momento histórico. Esta dimensão da solidão não é idêntica à solidão fenomenológica, mais próxima ao estado de sentir-se só, conforme expusemos na introdução deste artigo. Ainda assim, há proximidades entre ambas elas que podem trazer alguma luz para as inquietações dos profissionais de saúde mental que têm recebido sujeitos solitários em estado de sofrimento psíquico. Sem dúvida, há especificidades que marcam os tempos atuais como distintos do passado, já que as mudanças culturais propiciam novas formas subjetivas de tratar a solidão. Há formas inusitadas de manifestação da solidão em nossos dias, e temos certamente à disposição recursos inéditos para nos havermos com ela. Há, ainda, um dado clínico que permanece precioso e inalterado: o fato de que cada sujeito terá um modo singular de habitar a solidão e de que isso precisa ser escutado e trabalhado, caso a caso.

## Referências bibliográficas

- Audibert, C. (2008). *L'incapacité d'être seul*. Paris: Payot.
- Azevedo, R. M. (2007). A solidão na obra de Edward Hopper. *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ*, 23(26), 215-231.
- Bassols, M. (1994). Soledades y estructuras clínicas. *Freudiana*, 12, 23-27. Disponível em: <https://www.freudiana.com/soledades-y-estructuras-clinicas/> Acesso em 08 de novembro de 2020.
- Bauman, Z.; Dessel, G. (2017). *O retorno do pêndulo: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Carneiro, M. P. F. (2007) Caminhos e descaminhos da solidão. *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ*, 23(26), 17-34.
- Costa-Moura, F. (2006). A psicanálise é um laço social. In: Alberti, S.; Figueiredo, A. C. (orgs.). *Psicanálise e Saúde Mental: Uma aposta*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Cunha, L. F. C. (2016). O exílio no sintoma; a solidão como parceira. *Carta de São Paulo*, ano 23, nº 02 (novembro), 49-63.
- Dunker, C. (2017). *Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora.
- El País (17/01/2018). Reino Unido cria Ministério da Solidão. <https://www.dw.com/pt-br/reino-unido-cria-minist%C3%A9rio-da-solid%C3%A3o/a-42193361>
- Espinel, M. F. C. (2011). Desamparo. *Scilicet: A ordem simbólica no século XXI*, 105-107. Associação Mundial de Psicanálise. Belo Horizonte: Scriptum.
- Falcão, A. (2013). *Mania de Explicação*. Rio de Janeiro: Salamandra.
- Ferrari, I. F. (2008). A realidade social e os sujeitos solitários. *Ágora*, 11(1), 17-30. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000100002>
- Fortes, I. (2012). *A dor psíquica*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Freud, S. (1996a). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (1996b). A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. 4 e 5. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996c). Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. 20. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926)

- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In: *Obras Completas de Sigmund Freud* (trad. e notas Paulo Cesar de Souza), vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1910)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas de Sigmund Freud* (trad. e notas Paulo Cesar de Souza), vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1930).
- Garattoni, B.; Lacerda, R. (2019). A explosão da solidão. *Superinteressante*, setembro de 2019, 23-33. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-explosao-da-solidao/>. Acesso em 08 de novembro de 2020.
- Lacan, J. (1953-1954). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (texto estabelecido por Jacques Alain-Miller). Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- Lacan, J. (1956-1957). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto* (texto estabelecido por Jacques Alain-Miller). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- Lacan, J. (1957). “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 496-533.
- Lacan, J. (1960). “Subversão do sujeito e dialética do desejo”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 807-842.
- Leguil, C. (2014). Nada. In: *Scilicet: Um real para o século XXI*, p. 444-445. Belo Horizonte: Scriptum.
- Lyra, R. (2019). Sobre a solidão hiperconectada. *Jornadas Clínicas da Seção São Paulo da Escola Brasileira de Psicanálise*. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/sobre-a-solidao-hiperconectada/> Acesso em 10 de agosto de 2019.
- Menezes, L. S. (2012). *Desamparo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mograbi, D. (2009). *O laço social na teoria freudiana: Para além da nostalgia e da esperança*. Curitiba: Juruá.
- Naparstek, F. (2014). Solidão. In: Machado; Ribeiro (org.). *Scilicet: Um real para o século XXI*, 378-380. Belo Horizonte: Scriptum.
- Pereira, M. E. C. (1999). *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Veloso, C. (1986) *Tá combinado* (música e letra do compositor e cantor). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44779/> Acesso em 08 de novembro de 2020.